

05.05.1947

NOTAS DE ARTE

IV — "19 PINTORES" E O OFICIO

QUIRINO DA SILVA

A Lothar Charoux, Luiz Andreatini, Luiz Sacilotto, Marcelo Grassman, Mario G. Correia e Maria Leontina Franco, não se lhes pode negar talento. No entanto, deles se pode reclamar o conhecimento do ofício.

Em Maria Leontina, por exemplo, chega a ser agressivo o des-caso pelo aprendizado: a falta de desenho é tal em seus trabalhos, que eles ficam bailando no ar, como se fossem flocos de algodão colorido, sem nos transmitir idéia nenhuma de pintura. No retrato do poeta Afranio Zuccolotto, é frisante essa falta e chega a ser mesmo irritante o seu desconhecimento do ofício. O seu desenho é falho, os valores são errados e o colorido sem interesse pictórico. E assim são regidos todos os seus trabalhos ora expostos na "Galeria Prestes Maia". O mais curioso de tudo, é que parece que a moça pintora muito se apraz dessa deficiência.

Luiz Sacilotto e Marcelo Grassman, embora nos seus habilitíssimos desenhos se apresentem, à primeira vista, aos menos avisados, excelentes, não deixam de denunciar a mesma falta de aprendizado. Adaptados como estão a uma fórmula sedição, julgam com isso (como era costume dizer-se ao tempo do pintor Flavio de Carvalho), "tapar o sol com a peneira". Mas enganam-se a si próprios, porque a nós outros esses desenhos revelam aquilo que deveriam revelar: falta absoluta de personalidade e, ainda: superficialidade, desinteresse.

São, quando muito, apenas feitos por jovens de talento. E é só. Lothar Charoux, Luiz Andreatini e Mario Gruber Correia, nada ficam a dever aos seus colegas de exibição. Devedores, como eles, que são do aprendizado, seguem pela mesma estrada, sem sequer ao menos tropeçarem numa "pedrinha no caminho". Que rapazes de sorte!

DIARIO DA NOITE — Segunda-feira, 5

NOTAS DE ARTE

V — "19 PINTORES" E O OFICIO

QUIRINO DA SILVA

Cumpre-nos agora, ao terminar estas considerações acerca dos dezoito pintores moços, o sagrado dever de explicar-lhes que não houve de nossa parte a intenção de desencorajá-los. Muito ao contrario disso. Tanto que a nossa intenção foi outra, vamos reproduzir para que lhes sirva de estímulo uma recomendação camoniana, extraída de "Os Lusíadas", recomendação que nem — parece-nos — muito a proposito:

"E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinação que tens tomada,
Não tornes por detrás, pois é jaqueza
Desistir-se da cousa começada".

Como podeis ver, moços pintores, não somos nós quem vos recomendamos a prosseguir nessa ardua jornada. Não. Mesmo porque já de antemão sabíamos que os vossos ouvidos seriam moucos do justo clamor da nossa critica, da nossa sincera critica e principalmente das nossas recomendações. Sois, segundo dizem, tão cheios de vós mesmos, e a tal ponto levais essa atitude, que não aceitais de modo algum a mais simples advertencia, venha ela de onde vier.

Poder-se-á, mesmo assim, em se tratando de pintores moços, classificar a atitude de mocidade: Mas não importa. O que importa realmente é que todos vós pinteis e pinteis muito. Pintai com os vossos erros e as vossas convicções. Se tal fizerdes jamais vos arrependereis dos vossos atos. Numa palavra, sede moços.

De sobra sabemos que não seria coerente com a vossa pouca idade, exigir de vós o conhecimento completo do ofício e mesmo uma alta compreensão pictórica. De sobra sabemos que a fixação dos vossos tormentos e das vossas alegrias não poderia ser — como já alguém insinuou numa melancolica e ramalhuda despedida — uma realização plastica a satisfazer uma imparcial e "exarcebada" exigencia. E' ainda esse alguém que mais adiante, prosseguindo na sua insinuação, aconselha a união dos jovens pintores, como se alguém tivesse tentado dispersá-los. Finalizando, adverte ainda aos moços que desconfiem do critico "que participa da atividade criadora, porque seus "parti-pris" e suas deficiencias repousam na sua experiencia pessoal, e esta é formada pelas contingencias humanas que animam o competidor".

Vede bem, jovens pintores que esse Yago mal ensaiado é de fazer rir ás psaras. Porque, não tendo ele as qualidades do veneziano que inspirou a Shakespeare a tragedia, falta-lhe tambem, para sua infelicidade, o ambiente amoroso e poetico da lendaria Veneza, que completaria, sem duvida alguma, o seu sonhado drama.

Mas tudo isso não tem a menor importancia. O que importa mesmo é que vós, moços pintores, prossigais na jornada e procureis com os vossos olhos fixar os vossos sonhos de moços, sem olhades para trás. São esses os nossos votos ao nos despedirmos. E mais uma vez recomendamos a Maria Helena Milliet Fonseca Rodrigues, Odetto Guersoni, Otavio Araujo, Raul Muller Pereira da Costa e Wanda Godoy Moreira, que não se esqueçam da aprendizagem, porque sem ela nada será possível fazer, muito embora a literatice teime em rolar o seu sedico e colorido caleidoscopio. Em que pese a tudo isso, moços, não vos esqueçais que há, antes de tudo o ofício do pintor.

Cumpre-nos ainda dizer-vos que o critico que desconhece a pintura propriamente dita não pode penetrar todo o seu problema plastico, porque antes das divagações de ordem cultural, literaria e, se quiserem — filosofico-social — vem a analise da pintura propriamente dita, intrinsecamente considerada e de penetração menos acessivel ao diletantismo inconsequente.